

Bolsas brasileiras estão mudando, para melhor

ANGELO PAVINI

A forte entrada de investidores estrangeiros no mercado — US\$ 1 bilhão apenas em janeiro — está provocando profundas mudanças nas bolsas de valores brasileiras, que podem garantir bons ganhos para o aplicador no longo prazo caso seja aprovado o ajuste fiscal proposto pelo governo.

O mercado deixou para trás antigos referenciais como o Plano Cruzado, por muito tempo o nível máximo atingido pelas bolsas brasileiras, e volta-se agora para o exemplo de países como México, Argentina e

Chile, onde as ações dobraram de valor em dólar após a estabilização da economia. Além disso, graças à exigência dos estrangeiros, o mercado acionário torna-se menos especulativo e mais técnico, observando mais as condições e

o futuro das empresas para decidir o investimento. Hoje, segundo o presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, Álvaro Augusto Vidigal, os estrangeiros respondem por 20% dos negócios feitos na bolsa paulista, para 16% em dezembro.

“A entrada de recursos está muito acima do volume de papéis disponíveis no mercado”, afirma Fernando de Alcântara Machado, diretor da Corretora do Citibank, lembrando que o ingresso registrado no mês passado é quatro vezes maior que os US\$ 266 milhões do mesmo mês do ano passado.

É muito mais significativo que os US\$ 1,2 bilhão de agosto, US\$ 1,265 bilhão de outubro e US\$ 1,042 bilhão de novembro do ano passado, pois representa aplicação efetiva em ações. “Nesses meses, provavelmente mais da metade dos recursos veio

para aplicações em renda fixa por causa do juro alto, e não em bolsas”, afirma.

O aumento das aplicações no Brasil coincide com a maior atenção dada aos mercados emergentes pelos administradores de fundos internacionais. Nos EUA, o patrimônio total dos fundos de pensão supera US\$ 3 trilhões, o que dá uma idéia do potencial de investimento. “Soma-se a isso uma taxa de juro internacional, muito baixa, em torno de 7% ao ano, uma brutal liquidez internacional, onde sobram recursos para investir, e uma valorização de 100% dos mercados emergentes no ano passado e

estão dados os motivos para o investimento no Brasil”, diz. Muitas corretoras que operam com clientes no Exterior também orientaram os clientes brasileiros a aproveitar o momento para entrar no mercado.

A decisão de onde

aplicar normalmente é do estrangeiro. Os papéis preferidos ainda são Telebrás, que concentra 40% dos portfólios dos estrangeiros, seguida das empresas elétricas como Cemig, Petrobrás, empresas siderúrgicas, bancos e empresas de varejo, como Casa Anglo Brasileira ou Mesbla.

A aposta dos estrangeiros é de longo prazo, afirma Machado. “Apesar da inflação de 40% ao mês, a expectativa é de que o País caminhe para o ajuste e eles querem se antecipar”, diz. Além disso, as ações no Brasil são as mais baratas do mundo, avalia ele, usando como referência a relação entre o valor da ação em bolsa e o patrimônio da empresa.

CORRETORAS
DIZEM QUE É O
MOMENTO DE
INVESTIR